

MOSQUEIRO EM AFETO E RUÍNA: UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE OS CHALÉS DA ILHA DE MOSQUEIRO

Rebeca Barbosa Dias Rodrigues¹
Lícia Maria Nascimento Santiago²
Nickolas de Sousa Pinheiro³

Resumo

Muito do que se ergueu e se tornou símbolo de Mosqueiro, localizada a oitenta quilômetros da capital Belém, hoje experimenta o descaso. Com o intuito de observar as modificações e permanências no seu patrimônio, traçou-se um trajeto que compreendeu a visita a edifícios e espaços de suma importância histórica para a Ilha do Mosqueiro. O trabalho objetiva elucidar iniciativas convergentes aos princípios de preservação patrimonial, em prol da recuperação desses chalés. Neste sentido, são essenciais ações de educação patrimonial, as quais sejam capazes de religar o cidadão mosqueirense com seu espaço cotidiano, de modo a sensibilizá-lo de sua realidade. A partir disso, as movimentações de reivindicação ganham corpo, e grupos de moradores, associações e ONG's, em geral, poderão cobrar, de maneira mais eficiente, ações preservacionistas por parte dos órgãos responsáveis pelo patrimônio histórico.

Palavras-chave: Mosqueiro; Chalés; Memória; Preservação; Educação Patrimonial.

¹ Graduanda do 9º Semestre em Arquitetura e Urbanismo (FAU/UFPA). E-mail: rebecabdias@gmail.com.

² Graduanda do 9º Semestre em Arquitetura e Urbanismo (FAU/UFPA). E-mail: liciamns@gmail.com.

³ Graduando do 9º Semestre em Arquitetura e Urbanismo (FAU/UFPA). E-mail: pinheironickolas@gmail.com.



1. INTRODUÇÃO

Ao serem reconhecidas as potencialidades naturais e econômicas da Ilha de Mosqueiro, bem como seu caráter histórico-simbólico de sua cultura, a mesma passou a ser cada vez mais valorizada. Ainda assim, esse reconhecimento, não garante a manutenção e valorização correta do distrito enquanto patrimônio. Em vista disso, é imprescindível que se faça um remonte das ruínas da Ilha, para que se consolidem ações positivas visando à recuperação desses espaços e artefatos construídos. Para tanto, essa ação deve ter protagonismo múltiplo, sendo conduzida não só por visitantes sazonais, e sim por gestores e moradores que vivem a realidade cotidiana de Mosqueiro.

Em artigo divulgado pelo blog da Associação dos Amigos do Patrimônio de Belém (AAPBel), em 25 de fevereiro de 2016, é relatado que a Fundação Cultural do Município de Belém (FUMBEL) não gere nenhuma ação de preservação e/ou conservação do patrimônio mosqueirense, não estando este importante patrimônio nem mesmo registrado em Inventário de Bens Culturais, fato que o distancia ainda mais de um possível tombamento. De acordo com o artigo, a medida protetiva inicial para o patrimônio cultural seria a realização deste inventário, ou seja, um levantamento minucioso que se utiliza “critérios técnicos, históricos, sociais e artísticos, que permitirá a catalogação de suas principais características físicas, e culturais bem como seu estado de conservação.” (Belém 2016).

Ademais, as delimitações entre público e privado dificultam ainda mais a preservação da paisagem construída mosqueirense. Algumas atividades de caráter urgente, tais como a manutenção e restauração dos casarões históricos do distrito, demandam burocratização rigorosa e investimentos financeiros consideráveis, fato que desagradou muitos destes proprietários, os quais acabam preferindo deixar a edificação a cargo das intempéries.

Compreendendo as dificuldades em arcar com os custos de manutenção de um prédio histórico, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) dispõe do Edital de Financiamento Para Recuperação de Imóveis Privados, sendo uma das linhas do PAC – Cidades Históricas. Esse edital garante a oferta de subsídio federal, repassados aos municípios e posteriormente às pessoas físicas e jurídicas para recuperação de imóveis privados situados em áreas sob proteção federal (IPHAN, s.d)⁴.

2. OS CHALÉS DA ORLA

Entre os séculos XIX e meados do século XX, no contexto da *Belle Époque*, famílias de elite paraense, buscavam refúgio fora da capital, em um lugar que propiciasse lazer e contato na natureza, o que progressivamente se perdia na cidade moderna. Mosqueiro com seu clima praiano, chalés providos de terrenos amplos com esplêndidos quintais e jardins oferecia um convite óbvio para tais camadas privilegiadas. De acordo com Brandão (2014), estes representam

⁴ Cartilha do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) - “Financiamento Para Recuperação de Imóveis Privados”, [s.d]. Disponível em < <https://goo.gl/go6vvs>>, acesso em 08 jun. 2018.



10% do conjunto edificado da ilha. A tradição da construção de chalés permaneceu até a década de 1960, posteriormente, outras linhas arquitetônicas se tornaram mais comuns nas mansões em Mosqueiro, influenciados pelas formas modernistas que chegavam à capital.

Arquitetonicamente, o chalé seria uma residência de dois andares, solta no lote, envolta por um jardim. Em Belém, também existiam chalés, mas que faziam uso de soluções e materiais mais refinados e adequados ao contexto urbano. Os chalés de Mosqueiro, por sua vez, possuíam soluções mais litorâneas, como os forros vazados que potencializava a ventilação. Aliado a isto, os telhados dos chalés da ilha eram muito mais altos que os da capital, conferindo um maior arreamento⁵ da edificação.

3. ESTUDOS DE CASO

1) Chalé Guanabara: De imediato, notamos uma modificação no seu uso. O chalé agora possui uso misto, sendo residência dos proprietários, restaurante e pousada. Segundo o atual proprietário, o Chalé data de 22 de maio de 1889. Chama atenção a ornamentação do frontão, em geometrizações simétricas. O forro e os guarda-corpos da varanda, ambos em madeira, estão deteriorados. Faltam peças do forro, de padronagem típica das construções do século XIX, e alguma das peças do guarda-corpo estão apenas encaixadas, ao invés de fixadas. Alguns vidros estão quebrados. Os pisos da entrada, que se estendem na projeção da varanda alpendrada, também foram adicionados posteriormente. Não há nenhuma iniciativa por parte dos órgãos de preservação quanto à concessão de auxílios financeiros para a revitalização do chalé. Logo, o patrimônio não é tombado nem inventariado.

2) Chalé Porto Arthur: Tanto o chalé quanto a praia foram assim batizados em homenagem ao primeiro proprietário dessa residência, Arthur Pires Teixeira (1880 – 1961), comerciante que tinha um grande carinho pela ilha⁶. O chalé Porto Arthur é o único da lista que não possui porão nem varanda, o que soa contraditório em relação ao conceito de Chalé. Em excelente estado de conservação, possui ornamentações nas gaiteras e bandeiras das janelas, e nos telhados que são o diferencial da residência. O óculo no centro do frontão funciona como elemento de ventilação do desvão do telhado. Externamente, notamos poucas modificações além desta área de lazer, como a abertura nas paredes externas para a colocação de aparelhos de ar-condicionado. Logo, é possível afirmar que a família proprietária da casa sempre buscou conservar a edificação centenária, sendo um exemplo de edificação que mesmo não tombada ou inventariada, é preservada por iniciativa privada.

3) Chalé Dragão Rosado: Por fim, o Chalé Dragão Rosado, o qual recebeu esse nome por conta de um ornamento sobre a janela, surpreendeu por seu estado de conservação. Em conversa com o caseiro, recebemos a informação de que a última reforma foi realizada há cerca de três

⁵ Informação encontrada no blog de Carlos Oliveira, a partir de digitalização de jornal local. Disponível em <<https://goo.gl/qVXRtk>>.

⁶ Revista *Ver-o-Pará especial*. Belém: Agência Ver Editora, jul. 1995. Disponível em: <<https://goo.gl/Cc5p8L>>. Acesso em: 08 jun. 2018.



anos atrás, momento em que foi adicionado painéis de vidro sobre todas as janelas, garantindo a impermeabilização e preservação das madeiras das esquadrias, que segundo ele, estavam apodrecendo. Os azulejos da fachada estão em ótimo estado de conservação. Porém, os que não são protegidos pelo beiral e recebem insolação direta estão um pouco menos pigmentados. De acordo com a arquiteta Carmem Cal⁷, o Chalé Dragão Rosado é o único chalé que apresenta padrões de chalé urbano. Apesar do ótimo estado de conservação, o prédio não é tombado e nem inventariado, sendo todas as reformas de investimento privado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, preservar a memória e a matéria dos chalés não diz respeito somente a um interesse privado, e sim, uma ação que conserva a narrativa da evolução de Mosqueiro, bem como o da capital. A arquitetura dos chalés funciona como âmbar de ressignificações culturais e sócio-políticas de seu tempo, sendo sempre marco histórico e afetivo de veranistas, visitantes e moradores. De posse do estudo realizado, espera-se que sejam mais frequentes as atividades voltadas para a preservação do patrimônio histórico de Mosqueiro, não só em sua orla ou em seus chalés. Bem como educar a população acerca da relevância desse conjunto de imóveis, orientações para uso e conservação destes. A Bucólica Mosqueiro é (re)construção de todos.

Referências

Belém, Associação dos Amigos do Patrimônio de. *Patrimônio da Vila Sorriso ameaça desaparecer sem ter reconhecimento*. 2016. Disponível em: <<http://aapbel.blogspot.com.br/2016/02/patrimonio-da-vila-sorriso-pede-socorro.html>>. Acesso em: 08 jun. 2018.

Brandão, E. Blog Mosqueiro Sustentável. 2014. Disponível em: <<http://mosqueirosustentavel.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 11 ago. 2017.

⁷ Extraído de entrevista cedida pela Arquiteta Carmen Cal a um jornal local, s.d. Informação disponível em <<https://goo.gl/qVXRtk>>.

